



ObservaDF

Número 6 - 2022

PERCEPÇÕES DOS IDOSOS SOBRE
VIVER NO DISTRITO FEDERAL

Autoria

NOGALES, Ana Maria – IE/UnB

BERTHOLINI, Frederico - IPOL/UnB

CABELLO, Andrea – FACE/UnB

RENNÓ, Lúcio – IPOL/UnB

VIANA, Guilherme – DAI/DPO/UnB

PERCEPÇÕES DOS IDOSOS SOBRE VIVER NO DISTRITO FEDERAL

1. Introdução

A população brasileira tem vivenciado grandes transformações nos últimos setenta anos. A transferência da capital federal para Brasília contribuiu para mudar a distribuição da população no território nacional, com a interiorização e a ocupação das regiões Norte e Centro-Oeste. As cidades cresceram e vimos surgir grandes metrópoles com suas questões habitacionais, de mobilidade urbana, de segurança pública, de acesso à saúde e promoção da qualidade de vida. Segundo estimativas do IBGE (2021), aproximadamente 70% da população brasileira reside em municípios com mais de 50 mil habitantes e 21,9% em municípios com mais de 1 milhão de habitantes; e em relação ao Brasil, 31% reside nas nove mais populosas regiões metropolitanas do país. A Área Metropolitana de Brasília, o DF e doze municípios goianos, é a quarta metrópole do país, após as metrópoles de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Além do crescimento populacional e sua distribuição no território, outra grande transformação se deve ao processo de transição demográfica. A escolarização e a maior inserção feminina no mercado de trabalho impactaram fortemente a fecundidade. De acordo com os dados do IBGE, o Brasil passou de 6,3 filhos em média por mulher, na década de 1960, a 1,7 em 2020. Como consequência, temos observado, ao longo dos anos, a redução do tamanho das famílias, uma diminuição expressiva do número de nascimentos, e um acelerado processo de envelhecimento populacional.

De fato, a população com 60 anos ou mais de idade, recorte etário que define a pessoa idosa no Brasil, nasceu quando o país registrava elevados índices de fecundidade e níveis de mortalidade em declínio. Esse contingente populacional é o que mais cresce no país, e as projeções demográficas apontam que em 2030, mais de 42 milhões de pessoas terão 60 anos ou mais de idade, e, em 2040, serão mais de 54 milhões. Dentro de 20 anos, aproximadamente, um em cada quatro brasileiros será uma pessoa idosa, que residirá sobretudo nas grandes cidades e metrópoles.

Nesse contexto cabem as perguntas: nossas cidades estão preparadas para acolher a população idosa? Como conciliar o ritmo frenético das cidades com a perda da capacidade funcional devido ao envelhecimento?

Como aponta o “Guia Global: cidade amiga da pessoa idosa” da Organização Mundial da Saúde (2008), é necessário “tornar as cidades mais amigáveis aos idosos (...) para promover o bem-estar e a contribuição de idosos residentes em áreas urbanas e manter as cidades prósperas. E como o envelhecimento ativo é um processo de toda a vida, uma cidade amiga do idoso é uma cidade para todas as idades” (OMS, 2008).

Em 2019, foi aprovado pelo Senado Federal o Programa Cidade Amiga do Idoso, com a finalidade de incentivar os municípios a adotar medidas para o envelhecimento saudável e aumentar a qualidade de vida da pessoa idosa.

No presente estudo, o ObservaDF, tendo como base o conjunto de referências para a implementação da Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa do Ministério da Cidadania, mais especificamente, o **Guia 3 - Como fazer um diagnóstico** – ouviu 913 pessoas com 50 anos ou mais de idade, residentes no Distrito Federal, em todas as Regiões Administrativas, com o objetivo de conhecer suas percepções sobre o viver nesse território, e sobre o acesso e a qualidade de serviços públicos voltados a essa população.

Antes de apresentar essas percepções, levantadas em pesquisa tipo *survey*, de base domiciliar, e em conversas com pessoas idosas (grupo focal), apresentamos neste relatório o perfil da população idosa residente no Distrito Federal, a partir das publicações da Codeplan: 1) Projeções populacionais para as Regiões Administrativas do Distrito Federal 2020 -2030, e 2) Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD), 2018.

2. O envelhecimento da população do Distrito Federal em 2030: projeções para 2030

A publicação da Codeplan sobre as projeções populacionais para as Regiões Administrativas no Distrito Federal, 2020-2030 (Codeplan, 2022) chama a atenção para o acelerado processo de envelhecimento populacional do Distrito Federal. Em 2020, a população com 60 anos e mais residente no DF representava 11,3% do total. Em 2030, essa proporção será de 16,6%. O ritmo de crescimento da população nessa faixa etária foi superior a 5,5% ao ano na última década, e continuará acelerado entre 2020-2030 (de 5,3% ao ano entre 2020 e 2025, e de 4,8% ao ano entre 2025 e 2030). Vale observar que o crescimento da população total decresce, chegando a um pouco menos de 1% ao ano, entre 2025 e 2030. Essas projeções mostram que, a cada seis pessoas residentes no DF, uma será uma pessoa idosa. Em termos absolutos, serão aproximadamente 565 mil pessoas com 60 anos ou mais de idade no DF em 2030 (Codeplan, 2022).

Entre 2020 e 2030, a proporção de idosos na população aumentará em todas as Regiões Administrativas. A região central e de alta renda do Distrito Federal é a mais envelhecida, mas, em termos absolutos, as seis RAs com maior volume de idosos são, em ordem, Ceilândia, Taguatinga, Plano Piloto, Samambaia, Planaltina e Guará.

Os dados da PDAD 2018 nos mostram quem são e como vivem essa população no Distrito Federal, segundo local de residência.

3. Quem são e como vivem os idosos no Distrito Federal?

Perfil sociodemográfico

Em primeiro lugar, chamamos a atenção de que a população com 60 anos ou mais de idade não é homogênea. Com o avançar da idade, a perda das capacidades funcionais se acentua. Nesse sentido, é importante caracterizar essa população segundo os grupos de idade: 60 a 69 anos, 70 a 79 anos e 80 anos ou mais. No Distrito Federal, 59,7% da população idosa tem entre 60 e 69 anos. Esse percentual varia

segundo o local de residência da pessoa idosa. Nas RAs de média-baixa e baixa renda, esse percentual chega a 67,8%, ou seja, a idade média nessas localidades é menor, o que reflete, em parte, a mais alta taxa de mortalidade entre a população idosa mais vulnerável (Tabela 1).

Já com relação ao sexo, observa-se uma predominância de mulheres entre a população idosa (57,9% da população idosa é de mulheres – Tabela 1). A maior probabilidade de sobrevivência das mulheres em todas as idades explica um contingente maior de mulheres entre os mais velhos. No estudo do ObservaDF sobre Pandemia e desigualdades em saúde no DF publicado em fevereiro deste ano (ObservaDF, 2022), pode-se observar que as mulheres do DF, em todas as RAs, têm maior expectativa de vida ao nascer do que os homens, e foram menos impactadas pela pandemia de covid-19 do que os homens.

Com relação à escolaridade dos idosos, o perfil no DF indica que $\frac{1}{4}$ dos idosos têm ensino superior completo. Desagregando esse dado específico por grupos de renda, encontramos grande disparidade – os idosos de alta renda têm, em sua grande maioria (66,7%) pelo menos graduação completa, enquanto esse mesmo quantitativo não chega a $\frac{1}{4}$ e entre os idosos da classe média-alta e é mais baixa ainda dentre os idosos das regiões de média-baixa e baixa renda (Tabela 1).

No DF, como um todo, os idosos se autodeclararam, mais frequentemente, como de raça/cor branca (47,4%) ou parda (41,3%). No entanto, ao detalharmos o território segundo grupos de renda, esse perfil se altera completamente: entre os idosos de alta renda, 71% se autodeclararam como brancos; essa proporção cai para 49,7% entre os idosos das regiões de renda média alta, e para 32,5% e 29,4% nas regiões de média-baixa e baixa renda, respectivamente. Vale observar que nesses dois últimos grupos de regiões, a proporção de pardos é superior a 50% e a proporção de negros alcança 13,1% e 15,4% nos grupos de RAs de média-baixa e baixa renda, respectivamente.

Uma das questões de interesse quando se analisam as características da pessoa idosa se refere a com quem ela vive e qual a sua condição no domicílio. O tipo de arranjo familiar pode indicar uma situação de maior vulnerabilidade da pessoa idosa. Assim, propõe-se dois tipos de arranjos: “famílias de idosos”, em que a pessoa idosa é o responsável pela família ou é o cônjuge, e “famílias com idosos”, onde os idosos moram na condição de parentes ou agregados do responsável pelo domicílio (CAMARANO et al, 2004). No DF, temos mais famílias com idosos (61,5%) do que famílias de idosos. No entanto, essa configuração muda segundo os grupos de renda. Famílias de idosos são mais frequentes nas RAs de alta renda (47,4%) do que nas RAs de mais baixa renda (36%). Renda domiciliar e as condições de saúde mais favoráveis são dois fatores importantes na constituição de família de idosos. Nesses arranjos, o idoso é protagonista, tem autonomia e está em situação de menor vulnerabilidade. Nos arranjos de família com idosos, onde a pessoa idosa é parente ou agregada do domicílio, a situação de vulnerabilidade é maior.

Tabela 1 - Perfil sociodemográfico da população idosa segundo grupos de renda. Distrito Federal. 2018

Características	DF	Alta renda	Média-Alta	Média-Baixa	Baixa renda
Faixa etária					
<i>60 a 69 anos</i>	59,7%	56,2%	57,6%	62,7%	67,8%
<i>70 a 79 anos</i>	28,6%	29,4%	29,7%	27,5%	25,2%
<i>80 anos ou mais</i>	11,7%	14,4%	12,7%	9,8%	7,0%
Sexo					
<i>Masculino</i>	42,1%	42,2%	40,8%	42,7%	45,3%
<i>Feminino</i>	57,9%	57,8%	59,2%	57,3%	54,7%
Escolaridade					
<i>Fundamental completo</i>	8,7%	3,8%	10,3%	9,9%	10,7%
<i>Fundamental incompleto</i>	32,6%	5,0%	29,3%	51,3%	51,2%
<i>Médio completo</i>	23,0%	22,0%	31,3%	16,9%	11,9%
<i>Superior completo</i>	25,2%	66,7%	23,2%	3,8%	2,9%
<i>NR/NSA</i>	10,4%	2,6%	5,9%	18,1%	23,3%
Raça/Cor					
<i>Branca</i>	47,4%	71,0%	49,7%	32,5%	29,4%
<i>Preta</i>	9,7%	3,2%	9,5%	13,1%	15,4%
<i>Amarela</i>	1,0%	0,9%	1,5%	0,8%	0,7%
<i>Parda</i>	41,3%	24,6%	38,8%	52,9%	54,3%
<i>Indígena</i>	0,5%	0,2%	0,6%	0,7%	0,3%
Arranjo familiar					
<i>Família de idosos</i>	38,5%	47,4%	37,8%	35,8%	36,0%
<i>Família com idosos</i>	61,5%	52,6%	62,2%	64,2%	64,0%
Morador idoso					
<i>Mora sozinho</i>	10,9%	12,6%	9,8%	11,2%	10,5%
<i>Não mora sozinho</i>	89,1%	87,4%	90,2%	88,8%	89,5%

Fonte: Codeplan, PDAD 2018

Nota: NR/NSA = Não respondeu / Não se aplica

Outro indicador importante para as políticas de assistência social e de atenção à saúde é a proporção de idosos que moram sozinhos. Nas grandes cidades, a proporção de idosos que moram sozinhos vem aumentando. O morar sozinho pode ser visto desde um lado positivo, como independência e autonomia da pessoa idosa. No entanto, devem ser considerados as situações de abandono, e os riscos de maior isolamento social, de menor suporte social e falta de apoio na atenção à saúde. No DF como um todo, o morar sozinho ainda é pouco frequente entre a população idosa, em todas as regiões. Vale observar, no entanto, que entre os idosos de mais alta renda, essa proporção é um pouco superior que nas demais regiões.

Condições econômicas, de trabalho e acesso à plano de saúde

Um dos grandes sonhos dos brasileiros é ter a casa própria. Chegar na velhice com o imóvel próprio já pago revela uma realização alcançada. No DF, ter o imóvel próprio quitado é uma realidade para mais de 83% dos idosos (Tabela 2). Esse elevado percentual é observado em todos os grupos de renda. Morar de aluguel é mais frequente entre idosos residentes nas regiões de alta e média-alta renda (12% e 12,9%, respectivamente). Imóveis cedidos são muito menos frequentes entre os idosos, com exceção dos residentes nas RAs de baixa renda, onde 7% dos idosos moram em imóveis cedidos por outros, como família ou conhecidos, uma situação de maior vulnerabilidade.

Sobre a inserção no mercado de trabalho, observa-se que uma parcela considerável (20,9%) da população de idosos do DF ainda trabalha em pelo menos um emprego (Tabela 2). Essa proporção é mais elevada nos dois grupos de renda extremos, alta e baixa renda, mas que implica duas situações muito diferentes. No primeiro caso, o trabalho está mais associado à opção por se manter ativo economicamente, enquanto no segundo caso, o trabalho é uma necessidade para garantir a renda da família.

Ainda sobre a inserção no mercado de trabalho, verifica-se que grande parte dos idosos do DF são aposentados (62,5%). No entanto, diferenças estruturais persistem quando categorizamos por grupo de renda: há muito mais idosos de alta renda aposentados (74,6%) comparativamente aos de renda média-baixa ou baixa (56,1% e 52%, respectivamente). Quanto aos pensionistas, essa categoria reúne 12,8% do total de idosos no DF, sendo menos frequente nas regiões de alta renda (Tabela 2).

Um dado muito relevante para as políticas públicas de atenção à saúde é o acesso a planos de saúde, sobretudo entre idosos. No DF, 53,1% dos idosos não têm acesso a um plano de saúde (Tabela 2). Mas ao considerarmos os grupos de renda, novamente observamos situações muito diferentes. Quanto menor a renda maior a proporção daqueles que não têm acesso a planos de saúde. Nas RAs de alta renda, 87% dos idosos têm plano de saúde, seja ele particular, empresarial ou uma combinação dos dois; já na RAs de média-baixa ou baixa renda, 79,6% e 86,2% dos idosos não têm acesso a nenhum tipo de plano de saúde, respectivamente.

Tabela 2 – Condições econômicas, de trabalho e acesso à plano de saúde da população idosa. Distrito Federal. 2018

Características	DF	Alta renda	Média-Alta	Média-Baixa	Baixa renda
Situação do imóvel					
<i>Próprio já pago (quitado)</i>	83,5%	82,6%	82,3%	85,7%	82,7%
<i>Próprio ainda pagando (em aquisição)</i>	2,0%	2,8%	2,0%	1,3%	2,4%
<i>Alugado</i>	11,1%	12,0%	12,9%	9,1%	7,7%
<i>Cedido pelo empregador</i>	0,4%	0,7%	0,4%	0,3%	-
<i>Cedido por outro</i>	2,8%	1,7%	2,2%	3,4%	7,0%
<i>Não sabe</i>	0,2%	0,2%	0,2%	0,1%	0,2%
Trabalhos					
<i>Um trabalho</i>	20,5%	22,8%	19,7%	19,4%	23,0%
<i>Dois trabalhos</i>	0,4%	0,9%	0,2%	0,2%	0,2%
<i>Três trabalhos ou mais</i>	0,0%	0,1%	0,0%	-	-
<i>Não trabalha</i>	79,0%	76,2%	80,1%	80,4%	76,8%
<i>Não respondeu</i>	0,0%	-	0,0%	0,0%	-
Situação					
<i>Aposentado</i>	62,5%	74,6%	63,0%	56,1%	52,0%
<i>Pensionista</i>	12,8%	9,3%	15,4%	12,7%	11,0%
Plano de saúde					
<i>Particular</i>	26,6%	53,6%	28,9%	9,9%	6,6%
<i>Empresarial</i>	17,7%	29,7%	19,9%	9,5%	6,2%
<i>Particular e Empresarial</i>	2,3%	3,7%	3,0%	1,0%	0,3%
<i>Não tem plano de saúde</i>	53,1%	12,6%	47,7%	79,6%	86,2%
<i>Não sabe</i>	0,4%	0,4%	0,5%	0,1%	0,6%

Fonte: Codeplan, PDAD 2018

Dificuldades e incapacidades referidas

A PDAD 2018 traz também algumas informações sobre o estado de saúde dos pesquisados e relatos de dificuldades e incapacidades. Esses dados são de extrema relevância para a Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa, e para pensar em uma cidade mais acolhedora para o idoso, que têm dificuldades para enxergar, ouvir e se locomover.

Quanto à dificuldade de enxergar (Tabela 3), aproximadamente metade dos idosos relatou alguma dificuldade para enxergar (48,4%) ou grande dificuldade (7,5%). Avaliando essa informação por grupos de renda, observa-se que os idosos nas regiões de mais alta, ainda que sejam, em média, mais velhos, relatam com maior frequência nenhuma dificuldade de enxergar (52,9%) do que aqueles que residem nas regiões de média-baixa ou baixa renda (39,3% em ambas). Vale ressaltar que a grande dificuldade de enxergar é mais frequente entre idosos de mais baixa renda (12,2%) do que em idosos de alta renda (2,7%).

Alguma dificuldade de ouvir é relatada por 15,8% dos idosos no DF (Tabela 3). Ao detalharmos a informação por grupos de RAs, novamente verificamos que idosos de média-baixa e baixa renda relatam mais frequentemente problemas de audição (18% e 19,1%, respectivamente) do que os idosos residentes nas regiões de renda mais elevada.

A dificuldade de caminhar ou subir degraus atinge 22% dos idosos do DF, em diferentes intensidades (Tabela 3). O detalhamento por grupo de renda demonstra, novamente, que os idosos de alta renda têm menos essa dificuldade (85,6% não têm dificuldade alguma), especialmente em comparação aos idosos de baixa renda, dos quais 70,1% afirmaram não ter dificuldade de caminhar ou subir degraus.

Por fim, com relação à alguma deficiência mental ou intelectual, apenas 2,7% dos idosos da capital federal afirmaram ter algum tipo dessas deficiências (Tabela 3). O percentual é semelhante entre os grupos de renda, ligeiramente superior no de baixa renda.

Tabela 3 – Dificuldades e incapacidades referidas entre a população idosa. Distrito Federal. 2018

Dificuldades	DF	Alta renda	Média-Alta	Média-Baixa	Baixa renda
Dificuldade de enxergar					
<i>Sim, alguma dificuldade</i>	48,4%	44,1%	48,9%	50,7%	48,1%
<i>Sim, grande dificuldade</i>	7,5%	2,7%	7,4%	9,8%	12,2%
<i>Sim, não consegue de modo algum</i>	0,2%	0,3%	0,2%	0,2%	0,3%
<i>Não, nenhuma dificuldade</i>	44,0%	52,9%	43,5%	39,3%	39,3%
Dificuldade de ouvir					
<i>Sim, alguma dificuldade</i>	12,1%	9,4%	11,9%	13,7%	14,5%
<i>Sim, grande dificuldade</i>	3,5%	2,4%	3,4%	4,0%	4,2%
<i>Sim, não consegue de modo algum</i>	0,2%	0,1%	0,2%	0,3%	0,4%
<i>Não, nenhuma dificuldade</i>	84,2%	88,2%	84,5%	82,0%	80,9%
Dificuldade de caminhar / subir degraus					
<i>Sim, alguma dificuldade</i>	15,0%	10,7%	14,6%	17,4%	19,8%
<i>Sim, grande dificuldade</i>	6,0%	3,1%	6,0%	7,3%	9,1%
<i>Sim, não consegue de modo algum</i>	1,0%	0,6%	1,1%	1,0%	1,0%
<i>Não, nenhuma dificuldade</i>	78,0%	85,6%	78,3%	74,3%	70,1%
Deficiência mental/intelectual					
<i>Sim, mas não é limitadora</i>	1,2%	0,9%	1,1%	1,7%	1,0%
<i>Sim, limitadora</i>	1,5%	1,5%	1,7%	1,2%	2,1%
<i>Não</i>	97,3%	97,6%	97,3%	97,1%	96,9%

Fonte: Codeplan, PDAD 2018

4. Percepção dos idosos sobre o viver no Distrito Federal

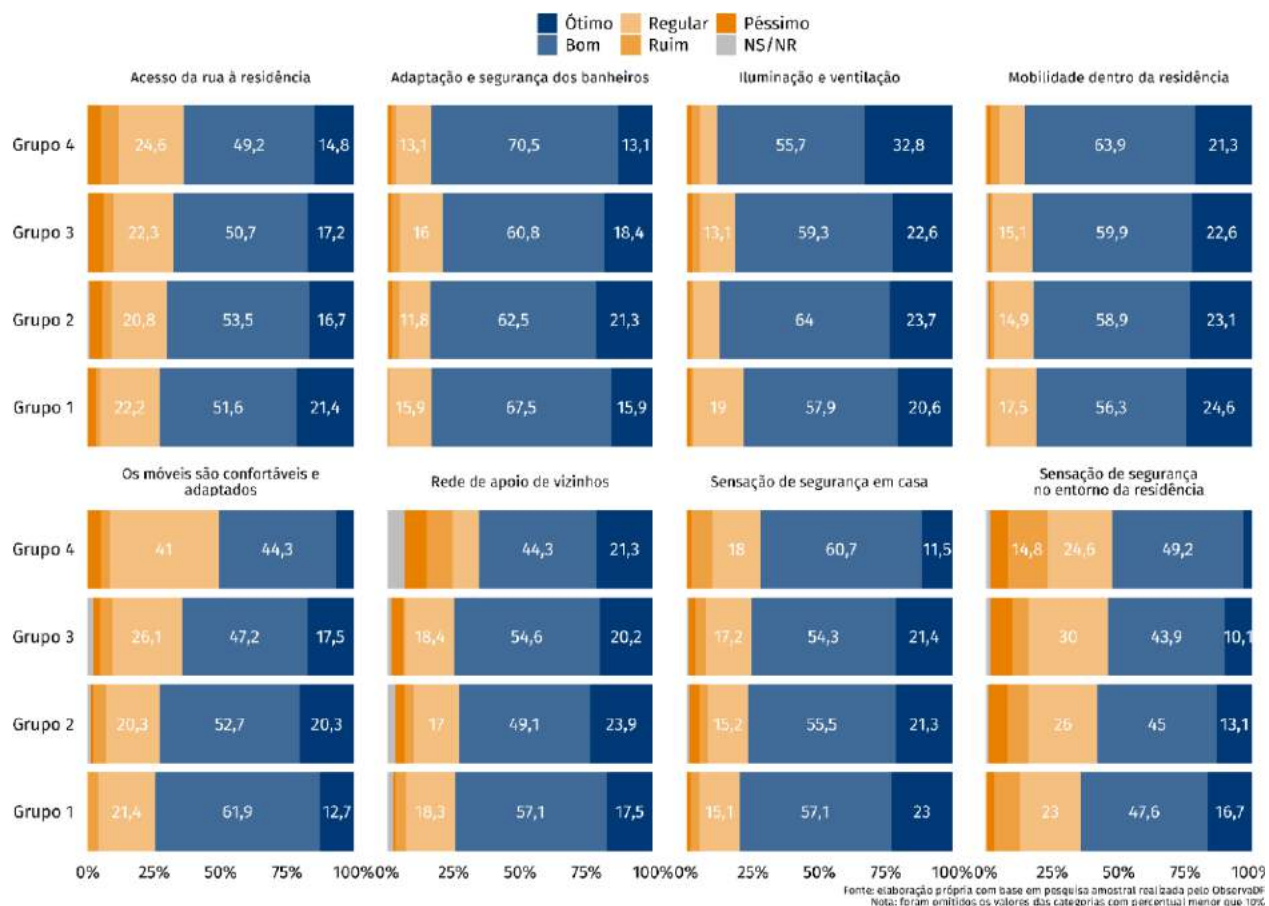
Como parte da implementação da Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa – EBAPI, foram elaborados em 2019, sob a coordenação do Ministério da Cidadania, Guias para que os municípios brasileiros, assim como o Distrito Federal, fizessem sua adesão e pleiteassem Selos de certificação da EBAPI. O **Guia 3 – Como fazer um diagnóstico** tem como objetivo auxiliar os municípios a levantarem as informações necessárias para subsidiar o Plano Municipal/Distrital da Estratégia. Neste Guia, recomenda-se a escuta direta da população idosa para “avaliação do acesso e da qualidade dos serviços, equipamentos, espaços disponibilizados pelo município para a população idosa” (BRASIL, 2019).

O ObservaDF com base nesse Guia ouviu a população com 50 anos ou mais de idade residente no Distrito Federal com relação às seguintes dimensões: 1) moradia; 2) ambiente físico próximo; 3) transporte e mobilidade urbana; 4) respeito e inclusão; 5) comunicação e informação, e 6) apoio, saúde e cuidado.

Moradia

A condição de segurança e conforto dentro das moradias da pessoa idosa é de extrema importância ao seu bem-estar. Os itens avaliados na dimensão “Moradia” foram: acesso da rua à residência, mobilidade dentro da residência, iluminação e ventilação dos cômodos, adaptação e segurança dos banheiros, se os móveis são confortáveis e adaptados, sensação de segurança em casa e rede de apoio de vizinhos. A Figura 1 mostra que esses itens foram todos bem avaliados em todas as regiões do DF. Com avaliação mais negativa destacamos a “**sensação de segurança no entorno da residência**”, em especial para os grupos de média-baixa e baixa renda, entre os quais, também, há mais sensação de **insegurança para acesso à moradia**. No interior da moradia, a inadequação do mobiliário é mais reportada por idosos residentes nas regiões de baixa renda.

Figura 1 - Condições de segurança e conforto dentro da moradia, por grupo de renda (%)

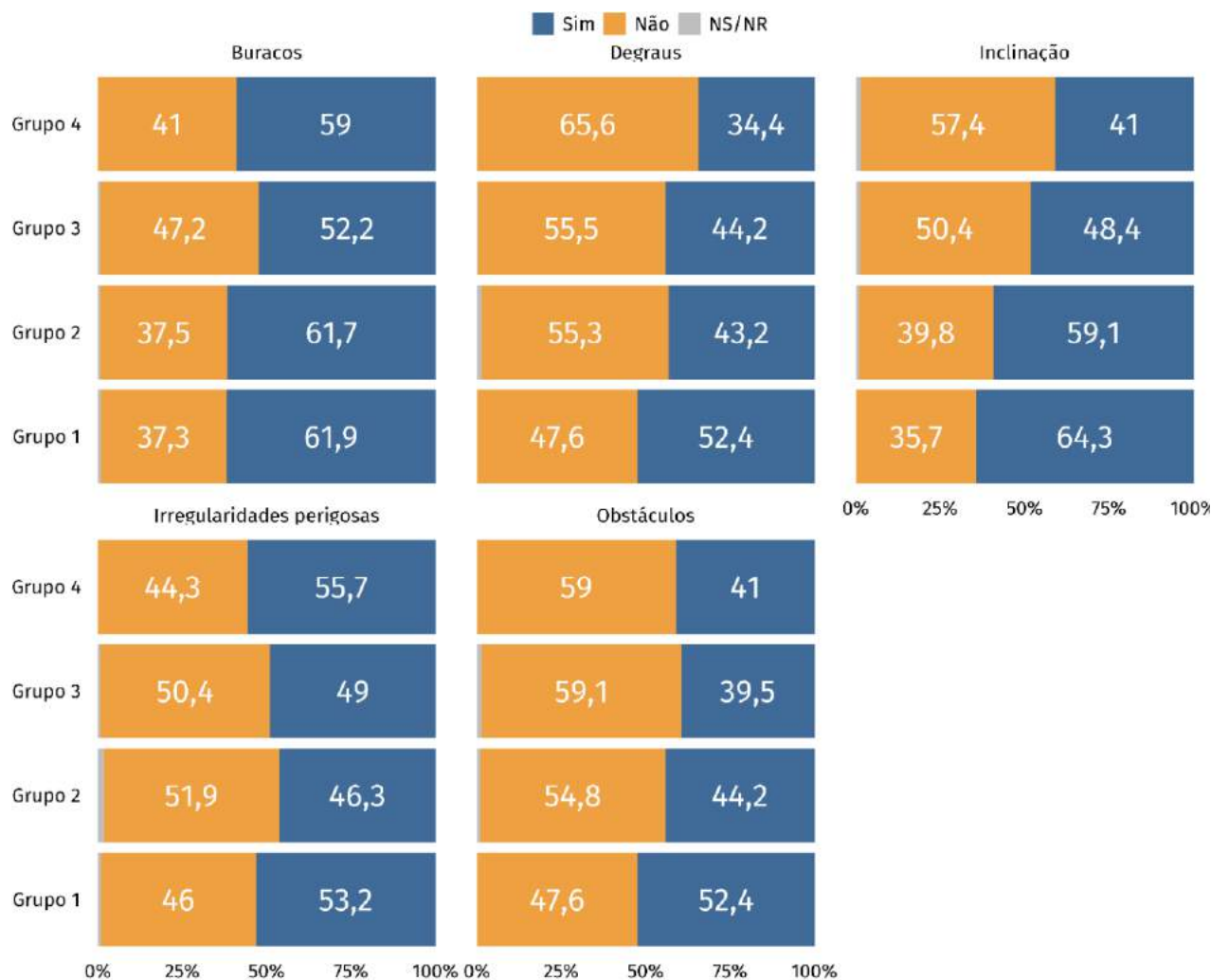


Ambiente físico próximo à residência

Com relação ao ambiente físico próximo à residência, foram avaliadas as calçadas e os espaços e ruas por onde a pessoa idosa caminha normalmente. No que se refere às calçadas, os itens avaliados foram: presença de 1) obstáculos (lixo, postes, mesas de bar, bancas de revistas...), 2) buracos, 3) inclinação, 4) degraus, 5) irregularidades perigosas (alternância brusca entre calçadas altas e baixas sem degraus). A Figura 2 traz os resultados dessa avaliação que mostra uma maior desaprovação da população idosa quanto às condições das calçadas no DF. A presença de degraus, obstáculos e inclinação são reportados por mais de 50% dos idosos ouvidos na pesquisa. Essa proporção é maior nas regiões de média-baixa e baixa renda.

Como queda é uma das causas de morte mais frequentes entre a população idosa, garantir que as calçadas sejam adequadas, livres de risco é de extrema importância para o bem-estar da pessoa idosa na cidade.

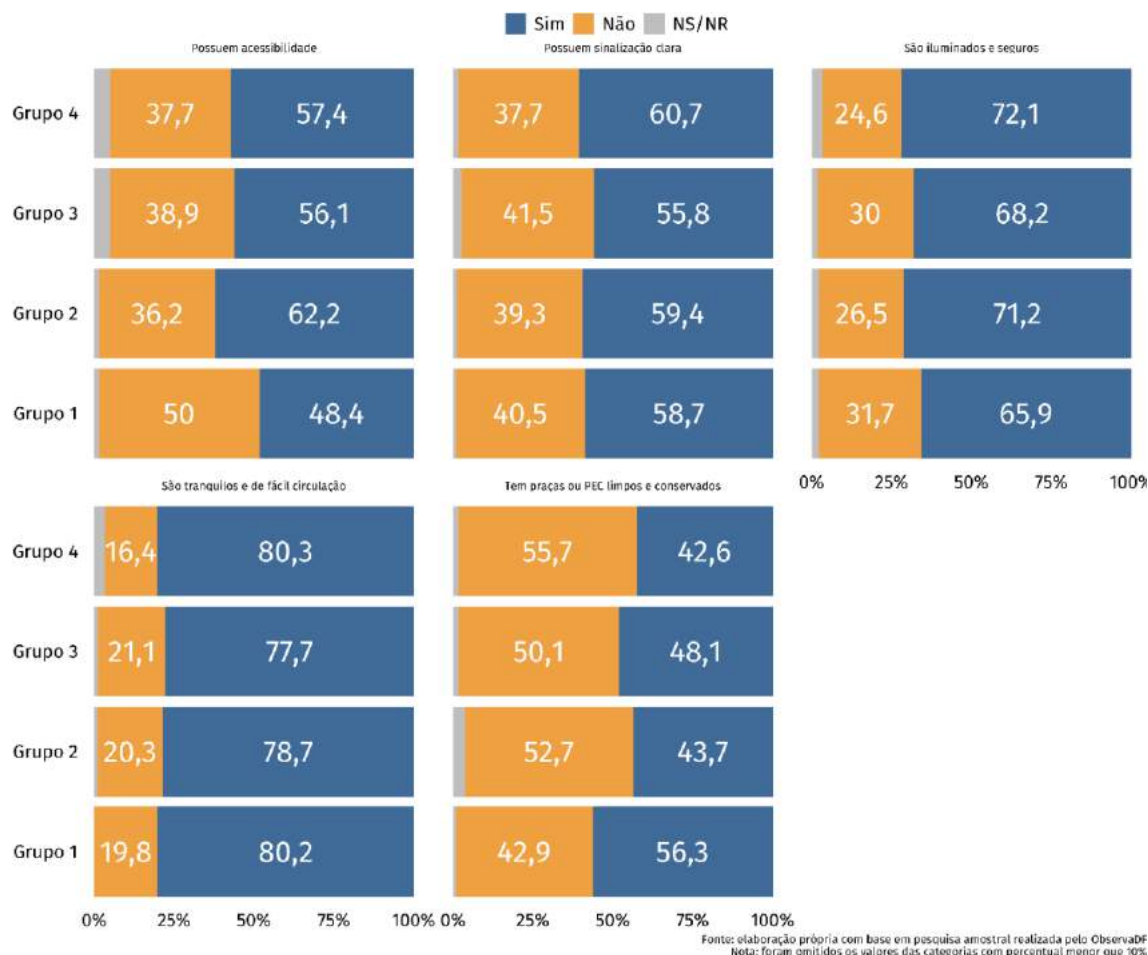
Figura 2 - Condições das calçadas por onde anda, por grupo de renda (%)



Fonte: elaboração própria com base em pesquisa amostral realizada pelo ObservaDF
 Nota: foram omitidos os valores das categorias com percentual menor que 10%

Quanto aos espaços e ruas por onde a pessoa idosa caminha normalmente, os itens avaliados foram: possuem sinalização clara, são tranquilos e de fácil circulação, possuem acessibilidade, são iluminados e seguros, têm praças e/ou pontos de encontros comunitários limpos e conservados. Em geral, os itens mais bem avaliados foram os que se referem à iluminação e segurança, e tranquilidade e à fácil circulação. Os idosos ouvidos pela pesquisa foram mais críticos com relação à existência de praças e à conservação e limpeza dos PEC (pontos de encontro comunitários) próximos à residência. Novamente, uma maior proporção de idosos de regiões de mais baixa renda avaliam negativamente esse item.

Figura 3 - Condições das ruas e espaços por onde anda, por grupo de renda (%)



Transporte e mobilidade urbana

Na dimensão de transporte e mobilidade urbana, a pesquisa do ObservaDF questionou os idosos sobre os seguintes itens: a clareza da sinalização sobre destinos e rotas dos transportes públicos, se os condutores dos transportes públicos param para os idosos, respeito das pessoas, em geral, pelas pessoas idosas nas vias e transportes públicos, se as pessoas, em geral, auxiliam as pessoas idosas quando precisam atravessar vias ou acessar/utilizar o transporte público, e a facilidade para a pessoa idosa se deslocar na cidade.

Nesta dimensão a avaliação é mais positiva quando perguntados sobre se os condutores de transportes públicos param para os idosos. Cerca de 40% dos idosos entrevistados responderam que sim. Mas, a proporção daqueles que afirmam que “às vezes” também merece destaque com uma proporção em torno de 40%. Ou seja, o acesso gratuito ao transporte público para a pessoa idosa nem sempre é respeitado.

Na pesquisa qualitativa, ao abordar o tema da mobilidade, os idosos comentaram sobre a dificuldade no acesso ao transporte público:

É difícil andar em transporte cheio, lotado.

(Mulher, idosa, 62 anos)

Com relação ao respeito das pessoas pelos idosos, ou se as pessoas, em geral, auxiliam os idosos em seu deslocamento na cidade, a avaliação é mais negativa. Nesses quesitos, a proporção dos idosos que declararam que as pessoas **nunca** respeitam ou auxiliam se variou entre 17% e 28%, entre as regiões.

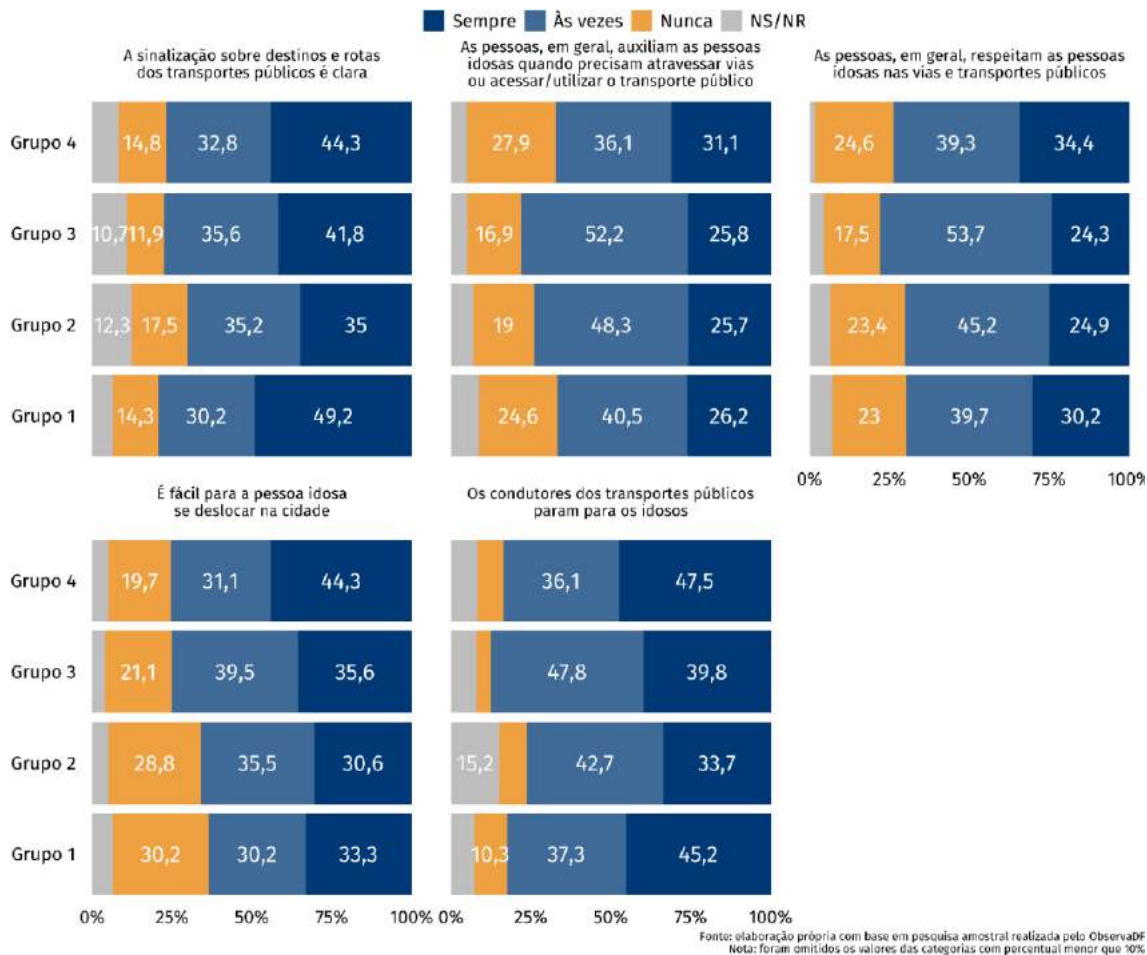
Uma fala na pesquisa qualitativa ilustra essa avaliação negativa com relação ao recebimento de ajuda no deslocamento na cidade.

Às vezes com dificuldade para atravessar (...) dificilmente você vai encontrar a pessoa, os jovens, para ajudar

(Homem, idoso, 66 anos)

Sobre a facilidade de deslocamento na cidade, os idosos de mais alta renda apresentam uma avaliação mais negativa com relação a esse item do que aqueles de mais baixa renda. Entre os primeiros, 30,2% consideram que nunca é fácil se deslocar na cidade, enquanto que essa proporção é de 19,2% entre os idosos de baixa renda.

Figura 4 - Condições do transporte e mobilidade urbana, por grupo de renda (%)



Fonte: elaboração própria com base em pesquisa amostral realizada pelo ObservaDF
Nota: foram omitidos os valores das categorias com percentual menor que 10%

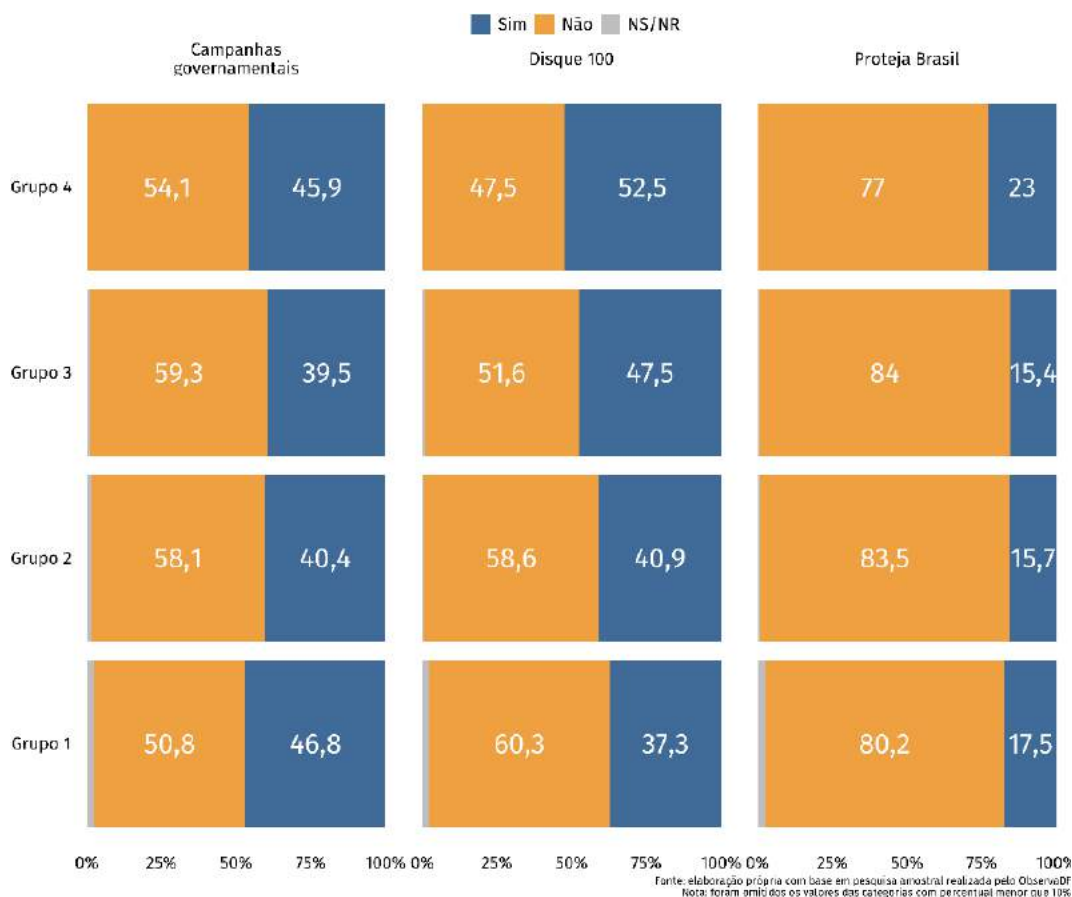
Respeito e inclusão social

Na dimensão de respeito e inclusão social, o ObservaDF selecionou os itens referentes à prevenção e combate à violência e a abusos contra a pessoa idosa. Os itens levantam o conhecimento da pessoa idosa sobre algumas iniciativas de combate à violência, como o Disque 100, o Proteja Brasil e campanhas governamentais de combate ao preconceito à pessoa idosa.

Fica claro que essas iniciativas ainda são pouco conhecidas pelos idosos do DF. O Disque 100 é mais conhecido entre idosos de mais baixa renda (52,5%), da mesma forma que o Proteja Brasil (23%). As campanhas governamentais atingem um pouco mais de 40% da população idosa no DF.

Esses dados evidenciam que é necessário informar mais e melhor a população idosa sobre seus direitos e sobre onde e como denunciar violências e abusos.

Figura 5 – Iniciativas de combate à violência contra a pessoa idosa, por grupo de renda (%)



Comunicação e informação

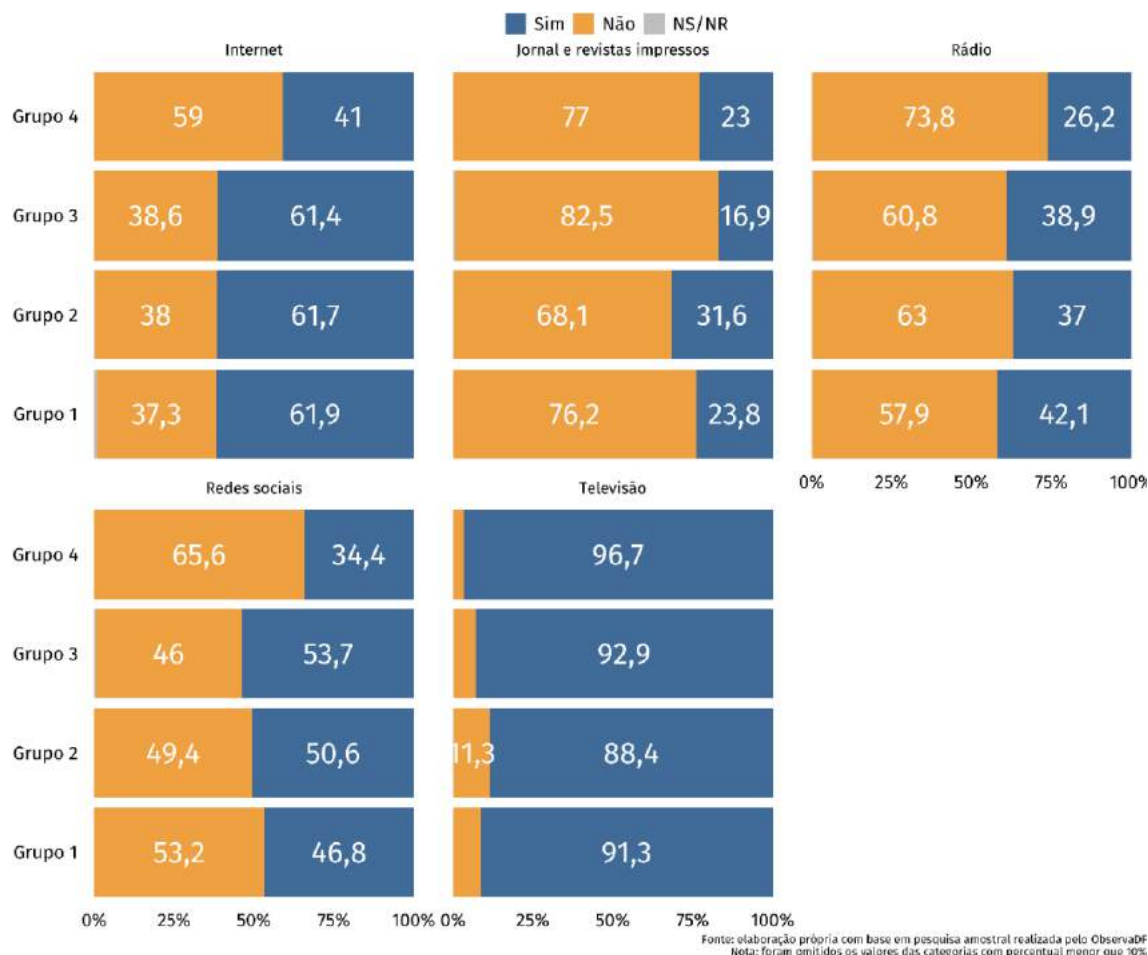
Quanto à dimensão comunicação e informação, o ObservaDF questionou a população idosa sobre os meios que utiliza como fonte de informação. A televisão é, sem sombra de dúvida, a principal fonte de informação da pessoa idosa. Mais de 90% dos idosos entrevistados declararam se informar por meio da televisão.

Em segundo lugar vem a internet. Com exceção dos idosos das regiões de baixa renda, em torno de 61% dos idosos do DF utilizam a internet para obter informação. Essa proporção cai para 41% para os idosos residentes nas regiões de baixa renda.

As redes sociais também é frequente como meio de informação entre os idosos do DF, e da mesma forma que o uso da internet, menos frequente entre os idosos de baixa renda.

O rádio e jornais e revistas impressos são menos reportados como fontes de informação entre os idosos. Nas regiões de alta renda, o rádio é fonte de informação para 42,1% dos idosos, já nas regiões de baixa renda, essa fonte foi declarada para apenas 26,2% dos idosos.

Figura 6 – Meios que utiliza como fonte de informação, por grupo de renda (%)

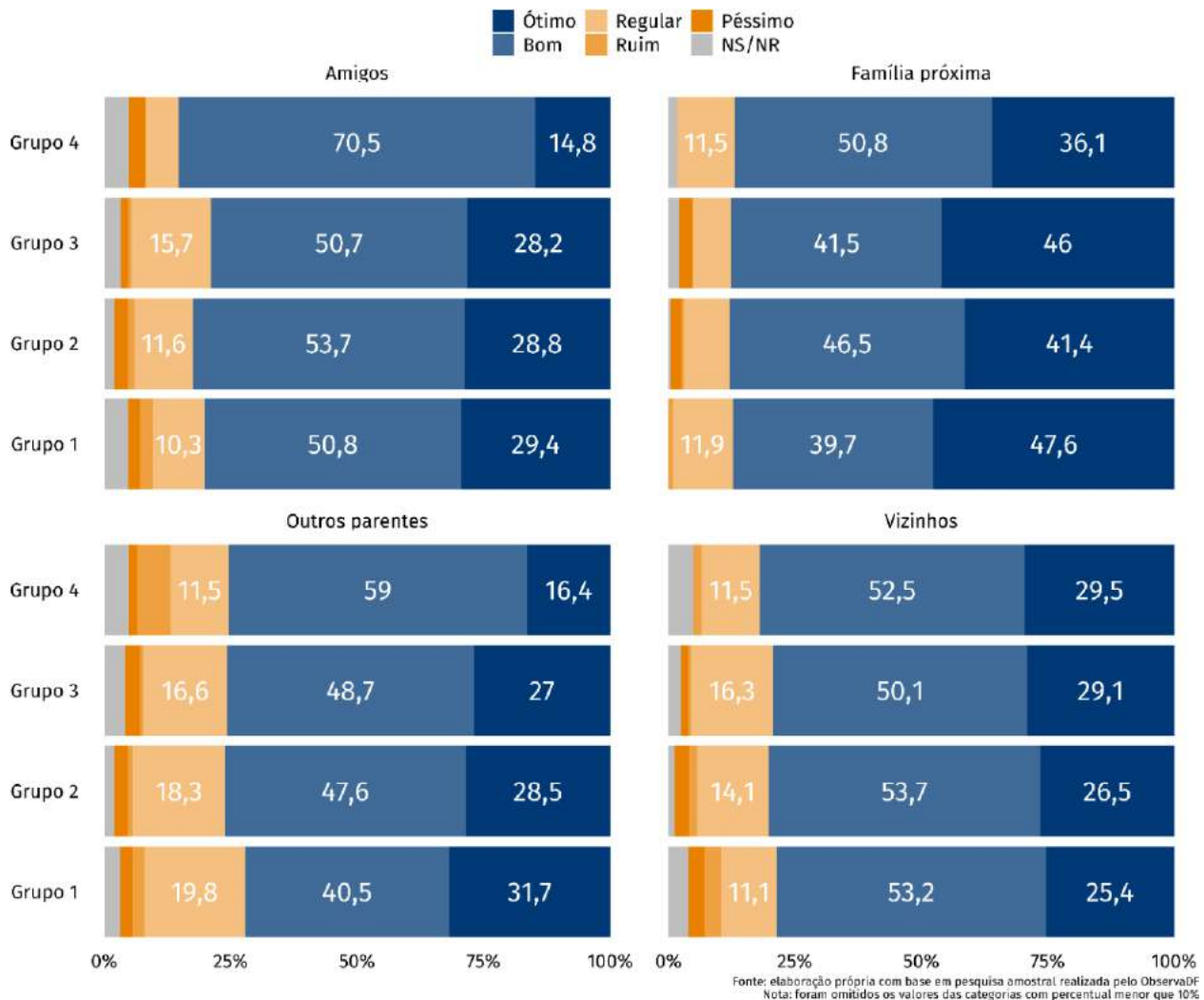


Apoio, saúde e cuidado

Com relação à dimensão sobre apoio, saúde e cuidado, o ObservaDF ouviu os idosos sobre como avaliam o convívio com a família próxima, parentes, amigos e vizinhos, e sobre os serviços públicos de atenção à saúde, em especial, o atendimento nas Unidades Básicas de Saúde.

A relação com pessoas próximas, família, parentes, amigos, vizinhos, indica a intensidade e a qualidade da rede de apoio da pessoa idosa. Entre os idosos entrevistados, a rede de apoio é extensa e relativamente forte. O convívio com familiares próximos é mais bem avaliado entre todos os idosos. O convívio com amigos e parentes recebeu avaliação mais positiva entre idosos das regiões de mais alta renda, enquanto o convívio com vizinhos tem avaliação mais positiva entre os idosos de baixa renda.

Figura 7 – Avaliação do convívio social, por grupo de renda (%)



Com relação aos serviços públicos de atenção à saúde, mais especificamente, sobre a Unidade Básica de Saúde (UBS) próxima à residência da pessoa idosa, três em cada quatro idosos declarou utilizar os serviços desse equipamento.

Os aspectos avaliados foram: acolhimento à pessoa idosa, divulgação de campanhas de vacinação, existência de atividades de promoção da saúde e prevenção de doenças, existência de atendimento domiciliar e facilidade de acesso.

Os idosos avaliaram **positivamente** três aspectos perguntados sobre a UBS próxima a sua residência: atendimento acolhedor, divulgação de campanhas de vacinação e facilidade de acesso. Sobre as atividades de promoção da saúde e prevenção de doenças e existência de atendimento domiciliar, os idosos declararam não existir ou desconhecem se existem.

Com relação a esses resultados cabem alguns comentários:

- 1) Ainda que a avaliação seja positiva, observa-se que um em cada quatro idosos afirmou que o atendimento da UBS não é acolhedor. Essa proporção relativamente elevada deve ser considerada para o aprimoramento dos serviços prestados à população pela atenção primária à saúde;
- 2) A facilidade de acesso à UBS é relatada por mais de 70% dos idosos entrevistados. No entanto, um em cada quatro idosos residentes nas regiões de média-baixa e baixa rendas declara que esse acesso não é fácil. Com uma elevada proporção de idosos sem planos de saúde, o acesso aos serviços públicos de saúde deve ser facilitado sobretudo nas regiões de mais baixa renda no DF;
- 3) Faz parte da cesta de serviços da atenção primária atividades de promoção de saúde e prevenção de doenças e agravos. A população idosa é público-alvo prioritário dessas atividades. O fato de cerca de 60% dos idosos relatarem desconhecer a existência ou que essas atividades não existem na UBS próxima à sua residência chama a atenção. Fortalecer as atividades de promoção de saúde e prevenção de doenças é fundamental para garantir um envelhecimento saudável;
- 4) Os serviços de atendimento domiciliar também são inexistentes ou desconhecidos. Esses atendimentos são cada vez mais demandados por uma população que envelhece. Ampliar esse tipo de atendimento e publicizar a sua existência é importante no aprimoramento da qualidade dos serviços prestados à população.

Na pesquisa qualitativa, a atenção à saúde foi o serviço público com avaliação mais negativa. Alguns trechos ilustram essa avaliação:

(...) imagina gente que tem condição de comprar, vai lá e compra o remédio, mas e quem não tem? Tá faltando tudo, então velho está abandonado, eu penso assim (...). No caso de assistência médica

(Homem, idoso, 66 anos)

Hoje eu quero fazer um convênio médico, não tem dinheiro. Não, é impensável eu fazer um convênio médico.

(Homem, idoso, 66 anos)

Figura 8 – Utilização da Unidade Básica de Saúde próxima à residência, por grupo de renda (%)

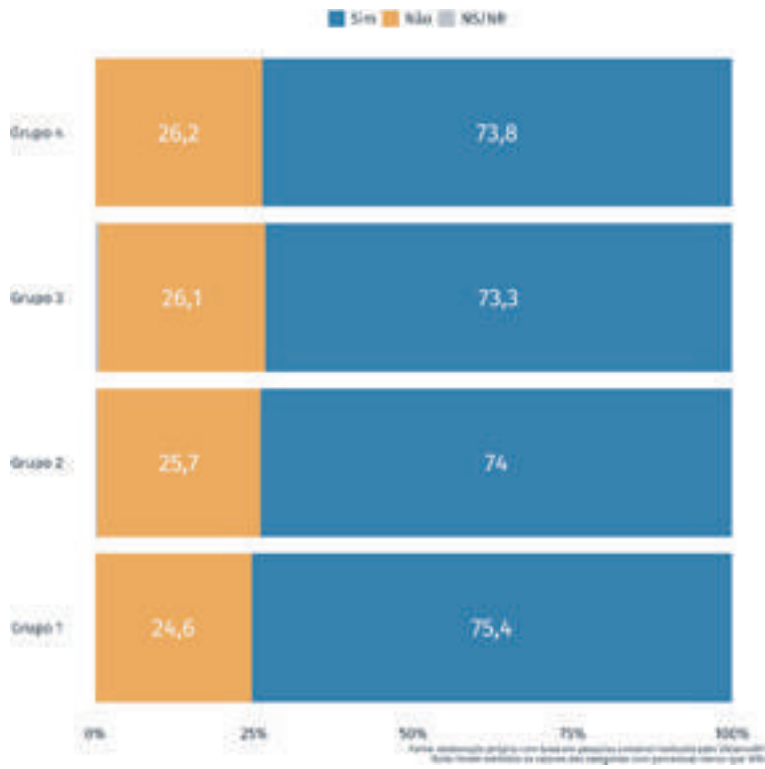
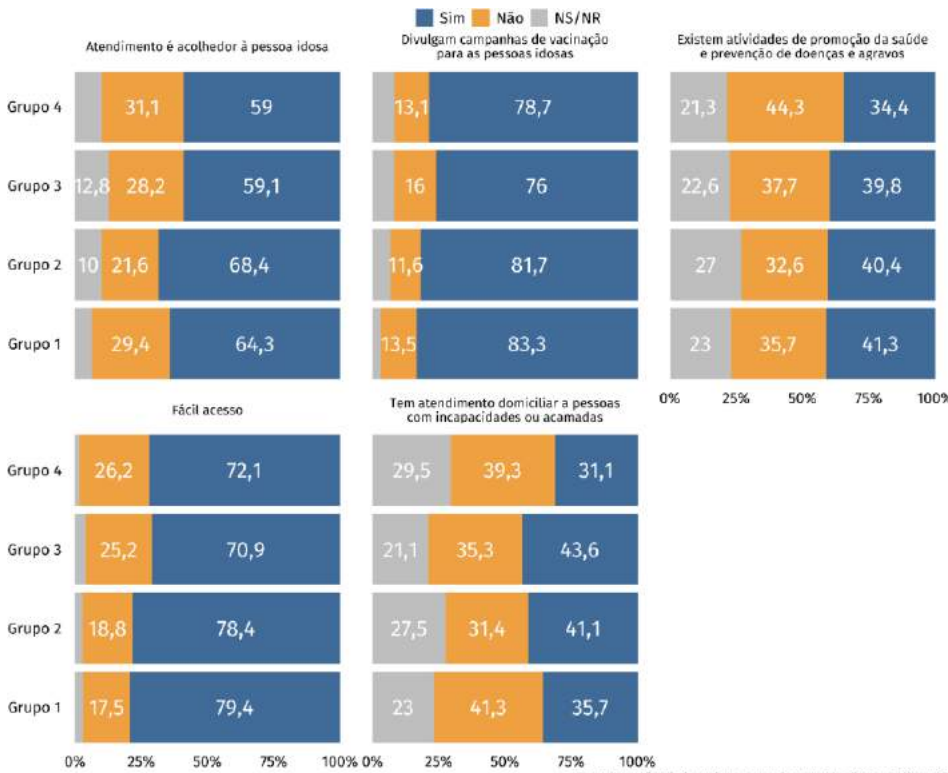


Figura 9 – Avaliação da Unidade Básica de Saúde próxima à residência, por grupo de renda (%)



Fonte: elaboração própria com base em pesquisa amostral realizada pelo ObservaDF.
 Nota: foram omitidos os valores das categorias com percentual menor que 10%.

5. Considerações finais

Após escutar os idosos sobre sua percepção em relação a vários aspectos da vida na cidade, quais os desafios para que o Distrito Federal possa ser considerado amigo da pessoa idosa?

Em primeiro lugar, há que considerar que as desigualdades socioespaciais que marcam o Distrito Federal colocam as pessoas idosas das regiões de mais baixa renda em situação de maior vulnerabilidade. Esses idosos têm menor grau de escolaridade, são majoritariamente pardos ou pretos, vivem em famílias com idosos, não têm planos de saúde e relatam com maior frequência dificuldades graves de enxergar, ouvir ou locomover.

Um dado positivo é que mais de 80% dos idosos realizaram o sonho da casa própria, em todos as regiões do Distrito Federal, em todos os grupos de renda.

Sobre as dimensões avaliadas pelos idosos entrevistados, as percepções são, em geral, positivas. Os aspectos que devem receber maior atenção, dada as avaliações mais negativas são:

- Segurança no entorno da residência;
- Qualidade das calçadas (inclinação, degraus, irregularidades perigosas);
- Respeito e auxílio prestado pelas pessoas, em geral, à pessoa idosa quando se desloca na cidade;
- Proporcionar maior facilidade de deslocamento na cidade;
- Divulgação das iniciativas de combate à violência e abusos contra a pessoa idosa;
- Fortalecer a atenção à saúde da pessoa idosa, sobretudo no que se refere às atividades de promoção de saúde e prevenção de doenças.

Finalizada a avaliação de cada uma das dimensões consideradas, perguntamos aos idosos sobre o grau de satisfação com a vida no seu local de residência, numa escala de um a dez. A nota média de 8,2 indica que os idosos são muito satisfeitos com o lugar onde moram no Distrito Federal. Esse grau de satisfação é fundamental para garantir um envelhecimento saudável e promover a qualidade de vida.

Algumas falas dos entrevistados no grupo focal ilustram muito bem essa satisfação de viver na cidade que moram:

Na minha opinião, eu acho que é acolhedora assim, certo?

(Homem, idoso, 67 anos)

Brasileira acolhedora, porque eu estou aqui (desde) 1985

(Mulher, idosa, 62 anos)

Aproveitar a vida (...) [na] cidade que é muito maravilhosa. Brasília é linda demais. Eu amo Brasília.

(Mulher, idosa, 62 anos)

6. Referências

BRASIL, MINISTÉRIO DA CIDADANIA, Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa, Guia 3 Como fazer um diagnóstico, Brasília, 2019. Disponível em: www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/outros/brasil-amigo-da-pessoa-idosa/bases-de-sustentacao. Acesso em: 10/05/2022

CAMARANO, A. A. et al. Famílias: Espaço de Compartilhamento de Recursos e Vulnerabilidades. In: Ana Amélia Camarano. (Org.). Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60? 1ed. Rio de Janeiro: IPEA, 2004, v. 1, p. 137-167.

CODEPLAN. PDAD 2018 – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio, Brasília, março de 2019. Disponível em: <codeplan.df.gov.br/pdad-2018>. Acesso em: 13/12/2021.

CODEPLAN. Projeções populacionais para as Regiões Administrativas do Distrito Federal 2020-2030, Brasília, abril de 2022. Disponível em: <codeplan.df.gov.br/estudos-populacionais>. Acesso em: 10/05/2022.

MOURA, L; CRUZ, R; BORGES, G; VASCONCELOS, AM, Um olhar sobre a pessoa idosa na Área Metropolitana de Brasília: oportunidades e desafios, IN: VASCONCELOS, AM et al (orgs), Território e sociedade: as múltiplas faces da Brasília metropolitana, EDUnB, Brasília, 2019.